UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

#### **PROJETO DE PESQUISA**

TÍTULO DO PROJETO: A trajetória histórica dos processos e produtos jornalísticos nos países do Cone Sul: afinidades e diferenças – **Terceira Etapa**

COORDENADOR: Prof. Mauro César Silveira

MATRÍCULA SIAPE: 0433735

E-MAIL: mauro.cesar.silveira@ufsc.br

ÁREA NO CNPQ E NA CAPES: Jornalismo e Editoração (6.09.02.00-0)

VIGÊNCIA: 11/10/2015 a 11/10/2018

LINHA DE PESQUISA: Jornalismo, Cultura e Sociedade

RESUMO DO PROJETO

 Os valiosos aportes representados pelos recentes estudos de história do jornalismo sul-americano permitem que se possa obter, através de um trabalho de investigação científica que agregue e aprofunde os resultados já alcançados, uma visão mais abrangente sobre a trajetória histórica da imprensa no chamado Cone Sul – Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai -, tentando superar o caráter fragmentado e pontual que caracteriza muitas abordagens produzidas na região. Uma proposta mais sistemática - e abarcadora – afigura-se como necessária para identificar semelhanças e assimetrias nos processos e produtos jornalísticos, desde suas origens, contribuindo para aumentar o entendimento do quadro midiático contemporâneo nos quatro países.

PALAVRAS-CHAVE: História do jornalismo - Jornalismo sul-americano

 Processos e produtos jornalísticos - Jornalismo no Cone Sul

 Jornalismo e História – Jornalismo, Cultura e Sociedade

INTRODUÇÃO

As bases do jornalismo sul-americano apresentam características distintas: enquanto nos países de língua espanhola a imprensa remonta ao período colonial, no Brasil, o desenvolvimento sucedeu a vinda da família imperial portuguesa, em 1808, determinando um caminho de início tardio e marcado por muitas peculiaridades, como o fato de ter prosperado no cenário de uma monarquia cercada por regimes republicanos no resto do continente. Esse contraste não afasta, porém, algumas semelhanças que persistem mesmo no final da primeira década do novo milênio. As relações vitais entre imprensa e poder, sobretudo a partir dos movimentos emancipacionistas, perduram, em maior ou menor grau, entre as nações sul-americanas. O limiar da atividade mais jornalística na região floresceu, para o bem e para o mal, no quadro de lutas pela independência, vinculando-a, de forma aguda, à política, como aponta, com propriedade, José Antonio Benítez:

El periodismo, además de haber sido un importante factor de esas luchas, también fue un instrumento que contribuyó en forma sobresaliente y prestigiosa con la cultura y constituyó un valioso capítulo en las memorias de esa cultura. El desarrollo del periodismo en América del Sur, por muchas razones, es prácticamente un nexo con la historia política de la región. El periodismo y su evolución forman un lazo en muchos sentidos con el progreso de América del Sur y de toda la América hispana, incluyendo las islas del mar Caribe (2000, p. 108).

Esse laço com o desenvolvimento representa, também, um reflexo direto do quadro econômico mundial, no avanço da sociedade capitalista, como assinala o autor da obra mais alentada de história do jornalismo brasileiro, Nelson Werneck Sodré (2007). Nesse sentido, o cenário econômico – mas também político - da época teve um papel decisivo na configuração da imprensa, e não apenas no velho continente. Favorecidos pela conjugação de uma série de fatores históricos, os jornais revelam-se, ao longo do século XIX, um poderoso instrumento de mobilização da opinião pública – que já era vista como uma expressão social que todo o governante deveria considerar antes e depois de qualquer decisão relevante. Se na centúria anterior, impelida sobretudo pelas ideias iluministas, a imprensa começava a se afirmar como espaço para a manifestação do pensamento[[1]](#footnote-1), a partir dos oitocentos obtém as condições técnicas que permitem sua acelerada expansão. Em 1803, surge a primeira máquina contínua para a fabricação do papel a partir da pasta de madeira. Onze anos depois, a impressora mecânica concebida pelo alemão Koenig é utilizada pelo jornal britânico *Times*. Os processos de reprodução gráfica também melhoram com o avanço da litografia, descoberta em 1797 pelo bávaro Aloïs Senefelder. E, em 1839, a criação do daguerreótipo permite a impressão da imagem em metal, abrindo o caminho para a fotogravura. Além da evolução nos meios de impressão, o jornalismo passa contar com um revolucionário sistema de transmissão de dados: o telégrafo elétrico[[2]](#footnote-2). Em consequência disso, nascem as grandes agências noticiosas[[3]](#footnote-3) - a Havas, na França, a Reuters, na Inglaterra, a Wolff, na Alemanha, e a Associated Press, nos Estados Unidos, lançadas entre 1830 e 1870 -, que passam difundir informações, de forma centralizada, para pontos remotos do planeta.

A conjuntura favorável conduz o jornalismo à fase industrial, projetando-se, nos países ocidentais, como força hegemônica na divulgação de informes sobre fatos e de ideias e opiniões. A partir de 1850, esse processo intensifica-se e, depois do “surto”, a imprensa caminha para seu “apogeu”, como assinala o professor francês Fernand Terrou (1964, p. 30-49). É uma conquista assentada na doutrina liberal, que consagra a liberdade de publicação e a liberdade de empresa, ainda que sua concepção tenha enfrentado períodos difíceis antes de vencer as mais fortes resistências, como aconteceu na França[[4]](#footnote-4). “Todas as constituições liberais do século XIX dão lugar à liberdade de imprensa concebida conforme os princípios inscritos nas declarações do fim do século XVIII e muitas vezes expressos em termos que vamos encontrar a escola fiel às fórmulas do artigo 11 da Declaração dos Direitos de 1789[[5]](#footnote-5)”, sublinha ele. Na Inglaterra, a abolição dos últimos obstáculos restritivos à atividade - os impostos especiais de publicidade, que terminaram em 1853; o do selo, em 1855; e o do papel, em 1863 – explicam boa parte do crescimento da imprensa e do aumento do seu poder, que se estendeu ao continente europeu. “O país é governado pelo *Times*”, podia-se escrever em 1855, segundo Terrou, face à influência exercida pelo jornal, que experimentou saltos crescentes na sua tiragem[[6]](#footnote-6).

Na verdade, o *Times* já exercia grande influência na opinião pública desde 1840, quando, sem adversários, era considerado o primeiro diário britânico. Sua origem data do século anterior, mais precisamente em 1785, no momento em que John Walter, farto de negociar carvões e seguros, decide criar um jornal que fosse acessível a qualquer classe social. Nasce o *Daily Universal Register* que, três anos depois, trocaria o nome para *Times*. A partir daí, paulatinamente, torna-se uma publicação com espaço próprio e razoável independência do governo – quase uma exceção na época, mesmo na Europa. Seus menores artigos, como recorda Cimorra (1946, p. 22) preocupam os ministros e a soberana. Uma campanha encetada contra a rainha Vitória pelo casamento de sua filha com um príncipe prussiano somente é aplacada depois da intervenção do *premier*, Lord Henry Palmerston. Na guerra da Criméia, nos anos 50 do século XIX, o jornal se populariza graças as denúncias sobre o deficiente armamento do exército. Suas posições, então, passam a pautar boa parte das decisões do gabinete. Organizado sob sólidas bases comerciais e controlado por um conjunto de acionistas ingleses, o *Times* investiu em reportagem, através de uma rede de correspondentes e de enviados especiais, alguns deles considerados, muitas vezes, melhor informados que os próprios agentes diplomáticos dos governos europeus.

Bem diferentes seriam as características do incipiente jornalismo sul-americano, seja por razões de ordem técnica – a agilidade do *Times* se devia à conquista do telégrafo elétrico[[7]](#footnote-7), que tardaria em chegar à região[[8]](#footnote-8) – e, especialmente, políticas, determinadas pelo enlace da imprensa com o poder como enfatiza Benítez (2000). Embora não pudessem usufruir, durante boa parte do século XIX, das maiores vantagens do revolucionário invento que encurtara as distâncias, as publicações latino-americanas se expandiam com vigor, em quase todos os países, trilhando o irreversível rumo industrial ditado pelos jornais do velho continente. Mas apresentavam uma distinção gritante dos grandes jornais da França e, sobretudo, da Inglaterra. Estavam vinculados diretamente ao governo[[9]](#footnote-9). No Brasil, sintomaticamente, o primeiro jornal editado no país, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, nasce graças à instalação da Imprensa Régia, em 1808, depois da chegada de D. João VI[[10]](#footnote-10).

Mais tarde, os acirrados duelos impressos no período da nossa independência romperiam a monocórdia fase inaugural da *Gazeta do Rio de Janeiro*, constituindo-se numa espécie de antevisão das escaramuças e conspirações que envolveram o jornalismo ao longo da sua história, como assinala Isabel Lustosa:

Erguiam-se e confundiam-se as vozes dos intelectuais, dos políticos envolvidos diretamente com o modelo político que se estava superando, dos liberais exaltados, maçons ou não, com as dos aventureiros de ocasião, dos arrivistas e dos que apenas se aproveitavam daquelas agitadas circunstâncias para se lançar na recém-criada profissão de jornalista. Para quem escrevem esses jornalistas? Uns para os outros e para D. Pedro. Debatem entre si, em torno das questões constitucionais, mas seu público-alvo é, na verdade, o príncipe, a quem querem conquistar para o projeto político que defendem. É o que sugerem os textos e os debates travados nas sessões (sic) de cartas. (LUSTOSA, 2000, p. 26-27).

 O nascimento da imprensa não oficial, em solo brasileiro, portanto, ocorreu no âmbito da luta pelo poder. Se havia o compromisso com o processo revolucionário, “no momento em que, de um dia para outro, deixávamos de nos considerar portugueses para nos assumirmos como brasileiros" (LUSTOSA, 2000, p. 25-26), estabelecidas as condições políticas para a emancipação de Portugal, as publicações serviam apenas de trincheiras para os principais atores políticos daquele momento histórico. De existência fugaz, com tiragens pequenas e de abrangência limitada praticamente ao Rio de Janeiro, em universo circunscrito aos seus assinantes, esses jornais atendiam aos interesses, entre outros, de dois personagens conhecidos por suas posições conservadoras, o antigo censor, José da Silva Lisboa –o futuro Visconde de Cairu -e José Bonifácio de Andrada e Silva. Ironicamente, eram as mesmas pessoas que protagonizaram atos contra a liberdade de expressão que se beneficiaram do incipiente jornalismo brasileiro, após o fim da censura prévia.

O rígido controle dos impressos coube à junta de administração da impressão régia, sob a liderança de Lisboa. O decreto real de 24 de junho de 1808 determinava que os quatro membros dessa comissão deveriam “examinar os papéis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar e que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes”. (apud RIZZINI, 1977, p. 174). Mesmo depois que a medida caiu, em 1821, com a entrada em vigor dos decretos das Cortes em Portugal e a consagração da liberdade de imprensa em todos os domínios lusitanos, Lisboa sustentava que os censores oficiais deveriam ser valorizados como os “cônsules romanos, guardas da honra da Nação e da tranquilidade pública” (apud LUSTOSA, 2010, p. 376). E José Bonifácio de Andrada seria o responsável, entre outros atos repressivos, pela primeira ação contra o nascente jornalismo, perseguindo, levando à prisão e à posterior expulsão do país, em abril de 1822, o principal redator do *Compilador Constitucional Político e Literário Brasiliense*, João Batista de Queirós.

 Durante três anos, entre 1821 e 1823, a imprensa foi palco de “violenta disputa entre portadores de projetos antagônicos para a nova ordem política e institucional que se instalaria no país” (LUSTOSA, 2010, p. 370). Havia muitas propostas em discussão, mas o confronto mais intenso e que ocupou boa parte das páginas dos jornais envolveu o grupo liderado por Bonifácio, o “Patriarca da Independência”, e o grupo maçônico comandado por Joaquim Gonçalves Ledo. Antes que outras publicações brasileiras pudessem abrir espaços para temas de interesse da maioria da população, seus primeiros jornais serviram de embate para diferentes projetos em torno do novo país. E, no caso específico de Bonifácio, atuaram como canais de divulgação de suas ideias e de sua boa imagem -como foram *O Tamoio, O Regulador[[11]](#footnote-11)* e *O Espelho.*

Naquele século, na Argentina, bem depois do processo emancipacionista desencadeado pela Revolução de Maio, despontaria o jornal *La Nación Argentina*, fundado, em janeiro de 1870, pelo general Bartolomeu Mitre, presidente da então Confederação Argentina, que fazia questão de publicar artigos e comentários de seu interesse. Ainda hoje, o influente *La Nación* destaca,na sua página de opinião, logo acima do editorial, sua origem, reproduzindo o anúncio da proposta editorial de seu primeiro número (“La Nación será una tribuna de doctrina”), e informando que seu diretor é o tataraneto do político que lançou a publicação no século XIX e que tem o mesmo nome do fundador. Um meticuloso exame das semelhanças e das especificidades da trajetória histórica da imprensa sul-americana, particularmente a dos países que compõem o chamado Cone Sul, apresenta-se, portanto, como condição indispensável para observar e compreender os processos e produtos jornalísticos contemporâneos na região.

JUSTIFICATIVA

Os estudos de história do jornalismo sul-americano têm recebido valiosos aportes nos últimos anos. No Brasil, entre muitos resultados de cuidadosa produção acadêmica, podem ser mencionados os artigos organizados por Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca[[12]](#footnote-12)(2008), os trabalhos de Marialva Barbosa (2007), de Richard Romancini e Cláudia Lago (2007a), e Lavina Madeira Ribeiro (2004). Também merecem ser destacados alguns excelentes trabalhos pontuais, como os de Silvia Maria Azevedo (2010), sobre a revista *Ilustração Brasileira*, de Marcelo Balaban (2009), que analisa a trajetória do chargista Angelo Agostini, de Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves (2003), que examina folhetos políticos e jornais brasileiros e portugueses entre 1820 a 1823, e de Isabel Lustosa (2000), que aborda as batalhas travadas entre os jornalistas brasileiros na luta pela independência, além da coletânea de pequenas biografias organizada por José Marques de Melo (2005) e a mais recente obra deste autor, *História do Jornalismo - Itinerário crítico, mosaico contextual*, lançada no mês de junho de 2012 no *Intercom Sudeste[[13]](#footnote-13)*. Finalmente, em março de 2015, mais um livro se soma a esse esforço coletivo: *História dos Jornais do Brasil - Da Era Colonial à Regência (1500-1840)* – v.1, o primeiro tomo da trilogia concebida por Matías Molina. No âmbito regional, têm surgido produções que visam restabelecer o passado jornalístico, como o livro *Memórias sobre a imprensa em São Borja*, organizado por Cárlida Emerim Jacinto Pereira e Joseline Pippi (2007).

Outra ação no sentido de avançar a pesquisa histórica em jornalismo foi a publicação, em 2006, do resultado das discussões apresentadas no Seminário *História e Imprensa*, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, realizado três anos antes. Nessa obra, organizada por Lúcia Bastos, Marco Morel e Tânia Bessone, são apresentadas as principais linhas de produção historiográfica direcionadas para as duas áreas, levando em conta os novos trabalhos de investigação científica no país. Essas iniciativas se inserem num movimento que envolve as associações brasileiras representativas dos pesquisadores dos meios de comunicação - como a Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), a SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo), e, principalmente, a Rede Alfredo de Carvalho para o resgate da memória e a construção da história da imprensa no Brasil -, mas também no continente, através da Alaic (Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação).

Nos países vizinhos, que integram o chamado Cone Sul – Argentina, Paraguai e Uruguai – também se observam ações análogas. Na Argentina, o professor de História do Jornalismo, Miguel Angel de Marco, lançou, em 2006, um sólido painel sobre a imprensa nos primeiros 100 anos de independência do seu país. Seis anos antes, o jornalista e pesquisador Miguel Angel Cuarterolo publicou uma obra sobre os primórdios do fotojornalismo[[14]](#footnote-14) na Argentina, analisando a cobertura fotográfica da chamada guerra do Paraguai. Recentemente, a pesquisadora María Victoria Baratta (2013; 2015) tem se debruçado sobre o papel do jornalismo na construção de representações sobre a identidade nacional argentina e sobre o Brasil. Na nação guarani, sobressai o trabalho de Aníbal Orué Pozzo (2007), que examina a história do jornalismo paraguaio desde 1845. E no Uruguai, em maio de 2009, o professor e escritor Daniel Alvarez Ferretjans (1986) apresentou, na Faculdade de Comunicação da Universidade de Montevidéu, as grandes linhas da pesquisa que culminaram no seu novo livro, *Historia de la prensa en el Uruguay* – desde La Estrella del Sur a Internet, que tenta abarcar toda a evolução histórica da imprensa em seu país.

Esses animadores esforços permitem que se possa obter, através de um trabalho de investigação científica que agregue – e aprofunde - os resultados já alcançados, uma visão mais abrangente sobre a história do jornalismo nas nações que criaram o bloco econômico do Mercosul, tentando superar o caráter fragmentado e pontual que caracteriza muitas abordagens produzidas nos quatro países e, particularmente, a maioria daquelas desenvolvidas no Brasil, conforme já enfatizaram Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca (2008, p. 9) . Um estudo mais sistemático - e abarcador - afigura-se como necessário para identificar semelhanças e assimetrias nos processos e produtos jornalísticos, desde suas origens, contribuindo para aumentar o entendimento do quadro midiático contemporâneo na região, marcado por imagens simbólicas construídas de uns países sobre os outros, como já mostraram as pesquisadoras Nilda Jacks, Márcia Machado e Karla Müller no livro *Hermanos, pero no mucho* (2004) e o autor do presente projeto no artigo intitulado *As marcas do preconceito no jornalismo brasileiro e a história do Paraguay Illustrado* (2007).

Infelizmente, ainda não se tem notícia de trabalhos que reúnam informações sobre a trajetória do jornalismo do Cone Sul sob uma perspectiva mais ampla, regional, e que examine o processo histórico de dois ou mais países, como os estudos realizados na Espanha em relação ao mundo ibero-americano e que renderam capítulos nas obras de caráter geral coordenadas por Pizarroso Quintero (1994) e Barrera (2008)[[15]](#footnote-15).

Diante da natureza do projeto, exposta anteriormente, a primeira etapa, realizada entre agosto de 2009 e agosto de 2012, antevia a realização de outras fases subsequentes. As relações entre a imprensa e o poder, observadas nos primórdios do jornalismo nos países do Cone Sul, precisavam ser investigadas com maior profundidade, de acordo com a perspectiva de autores como François Dossê, Jean-Baptiste Duroselle e Pierre Renouvin, explicitada na metodologia apresentada nesta proposta. Outro objetivo delineado anteriormente, o de testar a hipótese de que as origens e a trajetória histórica comum dos países da região têm peso determinante no cenário jornalístico contemporâneo ainda demandará, pelo menos, mais uma terceira etapa da pesquisa, da mesma forma que a pretensão de contribuir para estudos de história do jornalismo, através de inovações teórico-metodológicas mais abrangentes e que considerem fatores políticos, econômicos e socioculturais sem desprezar a ação dos profissionais e as rotinas de trabalho.

Na segunda etapa, o principal objetivo perseguido – e atingido – foi perscrutar o período colonial nos países de língua espanhola do Cone Sul – Argentina, Paraguai e Uruguai -, contribuindo nos estudos para aferir se algumas particularidades observadas no jornalismo brasileiro e naquele exercido nas nações vizinhas podem receber a influência da época que antecede os processos emancipacionistas. A tarefa exigiu que parte da pesquisa fosse realizada na Espanha, através do exame de documentos e periódicos arquivados em Madrid – em instituições como a Biblioteca Nacional daquele país - e no *Archivo General de Indias,* em Sevilla*,* alémda interlocução com pesquisadores daquele país, como os professores Juan Carlos Sánchez Illán, catedrático da Universidad Carlos III, e Ángel Rubio Moraga, da Universidad Complutense, este último especializado em estudos sobre História do Jornalismo. Os resultados alcançados nessa fase estão reunidos no livro *Um pecado original – os primórdios do jornalismo na Bacia do Prata*, editado pela Insular no ano passado e lançado, na UFSC, em maio de 2015, no III Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no jornalismo (MEJOR).

A nova etapa, que se constitui neste terceiro período do projeto de pesquisa, visa ampliar a perspectiva histórica na região da Bacia do Rio da Prata, verificando as condições que marcaram o surgimento de jornais durante os processos emancipacionistas dos países da região – Argentina, Paraguai e Uruguai -, contrapostos ao cenário brasileiro do mesmo período, através do exame da conjuntura política que culminou na independência do Brasil e o panorama dos anos seguintes, com o aparecimento das primeiras publicações não oficiais em solo nacional.

OBJETIVOS DA TERCEIRA ETAPA

* + - 1. A partir dos resultados obtidos na segunda etapa, aprofundar os estudos sobre as afinidades e diferenças na trajetória histórica dos processos e produtos jornalísticos dos países do chamado Cone Sul, com ênfase no período dos processos emancipacionistas da região (Argentina, Paraguai e Uruguai).
			2. Continuar examinando em profundidade as relações entre imprensa e poder, através da perspectiva de autores como François Dossê, Jean-Baptiste Duroselle e Pierre Renouvin.
			3. Dar sequência aos resultados alcançados na segunda etapa, formulando um quadro mais elaborado para testar a hipótese de que as origens e a trajetória histórica comum dos diferentes países da região têm influência no jornalismo contemporâneo da região.
			4. Aprofundar os estudos visando oferecer perspectivas teórico-metodológicas que conduzam a uma visão histórica mais sistemática e abrangente, considerando fatores políticos, econômicos e socioculturais, mas sem desprezar a atuação dos profissionais e as rotinas de trabalho desenvolvidas pela imprensa da região.
			5. Examinar o cenário político dos processos emancipacionistas nos países de língua espanhola – Argentina, Paraguai e Uruguai -, em contraposição à conjuntura que marca os primórdios do jornalismo impresso do Brasil no mesmo período.
			6. Apresentar artigos a serem submetidos a revistas científicas.

METAS

Os objetivos perseguidos neste projeto visam contribuir para afirmar uma das linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – Mestrado e Doutorado -, *Jornalismo, Cultura e Sociedade*, estimulando a realização de trabalhos de pesquisa na área, além de incentivar alunos de graduação com vocação para a atividade científica e fortalecer as atividades do *Grupo de Estudos de História do Jornalismo*, que integra o Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Criado em julho de 2008, esse núcleo de pesquisa reúne professores e alunos de graduação e pós-graduação do Departamento de Jornalismo da UFSC que desenvolvem trabalhos que contribuem para a preservação da memória e a construção da trajetória histórica dos processos e produtos jornalísticos. O grupo também atua para fortalecer e dinamizar o Centro de Documentação do Curso de Jornalismo da UFSC, que conta com um acervo composto por livros, revistas, jornais, periódicos científicos, CDs e DVDs, além de um arquivo fotográfico, estimado em mais de cinco mil fotografias e negativos. Esta meta recebeu um forte impulso em 2012, a partir do envio à UFSC de acervo pessoal (charges da imprensa brasileira e paraguaia, além de pinturas argentinas) do pesquisador, que estava cedido a duas outras universidades federais (UFMS e UFGD), e foram destinados (ainda em fase de organização) ao Centro de Documentação do Curso de Jornalismo, além de subsidiar as atividades do projeto.

No período compreendido entre 1º de setembro de 2013 e 31 de agosto de 2014, cumprindo estágio pós-doutoral no exterior, o coordenador da pesquisa promoveu a interlocução com professores da península ibérica - particularmente da Universidad Complutense e da Universidad Carlos III de Madrid - visando o desenvolvimento de trabalhos conjuntos entre pesquisadores da Espanha e do Brasil e a formação de uma rede internacional de pesquisa na área de História do Jornalismo. O estabelecimento dessas parcerias também tem como principal objetivo afirmar a linha de pesquisa *Jornalismo, Cultura e Sociedade*, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, sobretudo a partir da criação do Doutorado em Jornalismo, que realizou seu primeiro processo seletivo em 2014.

Nesse sentido, cabe destacar o intercâmbio em desenvolvimento com pesquisadores argentinos, fundamental para esta terceira etapa da proposta. Em 2016, estão programadas atividades – seminários e cursos – no projeto internacional intitulado *Red Mercosur de Investigación en Narrativas de la Información (RedMINI)*, coordenado pela professora Lila Edith Luchessi, professora titular da Universidad Nacional de Río Negro, da cidade de Rosario, na Argentina. A parceria, que conta com a participação do autor do presente projeto de pesquisa e dos colegas do Departamento de Jornalismo da UFSC Francisco José Castilhos Karam, Raquel Ritter Longhi e Rogério Christofoletti, tem origem nos três seminários internacionais *Brasil-Argentina de Jornalismo Investigativo* (Bapijor) - <https://www.facebook.com/bapijor2014> -, que reuniram, desde 2011, professores e jornalistas dos dois países do Cone Sul. Essa interlocução adquire ainda mais importância para a nova fase do projeto, que direciona seu foco para a Argentina, o Paraguai e o Uruguai.

METODOLOGIA

 As modificações produzidas a partir de 1929, através de estudiosos que se reuniram em torno da revista dos *Annales[[16]](#footnote-16)*, culminam, desde o final do século XX, com a abertura da História para outras áreas do conhecimento, estabelecendo uma relação multidisciplinar. É através dessa tendência que a imprensa passou a adquirir o estatuto de matéria de estudo dos pesquisadores. O interesse, cada vez mais crescente, despertado pelo estudo do jornalismo não significa sua acolhida passiva como fonte documental. Pelo contrário. A abordagem dos meios de comunicação implica em desafios de monta ao trabalho de pesquisa, tanto de caráter metodológico como na própria concepção da nova forma de fazer história. Se a chamada Nova História, como enfatizou Peter Burke em palestra proferida na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre, em 29 de novembro de 1994, “não é um modismo, mas uma história das práticas, dos saberes, das representações, do imaginário social, e uma tentativa séria de incorporar aspectos da vida cotidiana”, também pode ser reduzida a um simples relato do vivido, a um “vulgar romance verdadeiro”, como afirma Maestri (1994, p. 22). Nesse caso, estaria fragmentada em histórias menores, “arbitrárias e desarticuladas, assinalando o fim das grandes sínteses, das redes complexas de causalidade, essência do método histórico científico”. Maestri amplifica a obra de François Dossê, *A história em migalhas – Dos Annales à Nova* *História,* que se constitui em contundente alerta para a rejeição da análise política no trabalho de muitos adeptos das novas correntes teóricas da História. O texto lembra, por exemplo, que a Enciclopédia sobre a Nova História, lançada em 1979, simplesmente não apresenta verbete relacionado ao aspecto político. As palavras de Dossê lançam uma resistência contra essa maré:

É nessa fase de refúgio individualista, de confinamento no iglu narcíseo que o político reflui para as margens e que sua importância diminui. O discurso do historiador, fora do campo político, desabrocha bem melhor em uma sociedade baseada no alargamento da privacidade e na erosão das identidades sociais. Não há mais projeto histórico mobilizador e inicia-se então a era do vazio... (1992, p. 230).

No livro *Como se escreve história*, Paul Veyne sustenta, com vigor, o relativismo da História. No provocador capítulo II – que tem o título *Tudo é histórico, logo a história não existe* –, ele fecha o texto abalando o mito da objetividade no trabalho do historiador: ...“Sim, a história é subjetiva, porque não se pode negar que a escolha dum assunto dum livro de história seja livre”. (VEYNE, 1987, p.42). Sua mudança em textos mais recentes, admitindo que a História comporta núcleos de cientificidade, não afasta, porém, outro fantasma que ronda a nova forma de produzir conhecimento histórico, situado no extremo oposto: o subjetivismo – ou relativismo – absoluto, decretando uma ausência teórica, sem *ismos,* mas imponderável território do vale-tudo. A dita Nova História igualmente enfrenta sérios problemas metodológicos. Os mais embaraçosos, segundo Peter Burke, são os referentes à utilização de novas fontes, como o jornalismo, que gerou muitos estudos equivocados no Brasil, como constata Maria Helena Capelato:

Até a primeira metade deste século, os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas com relação ao documento-jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita, ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso a notícia era concebida como relato fidedigno do fato. As duas posturas são contestáveis. O jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade. A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social.[...] A categoria abstrata *imprensa* se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social (1988, p. 21).

Para encarar tão desafiadores problemas, deve-se partir da premissa de que há necessidade de se reconhecer que a tarefa do pesquisador de processos históricos precisa ser relativizada. Deve-se buscar uma aproximação com as verdades possíveis, através de fontes interpretativas da época examinada. Se isso reduz o grau de pretensão da empreitada, não deve imobilizar o autor da investigação, que necessita superar modelos de análise anacrônicos e desenvolver apuração rigorosa e científica. Objetos movediços como a imprensa, mesmo congelada em determinado período do tempo, estão exigindo, cada vez mais, um esforço de sistematização, sem prejuízo do propósito de tentar identificar os atores sociais, políticos e econômicos que os impulsionam. Principalmente quando convivem, lado a lado, com fontes mais estáticas – apesar da carga pessoal de quem as legou e de quem as examina -, como os documentos oficiais das nações, que adquirem especial relevo na perscrutação dos primórdios do jornalismo no Cone Sul.

Para a execução da presente proposta, a opção metodológica decorre dos novos caminhos abertos pela história, lançando-se mão de diferentes fontes, de documentos oficiais a relatos em correspondências pessoais e dados estatísticos, além da historiografia já produzida, para tentar uma aproximação com o passado vivido. Uma boa possibilidade é apresentada pela história das relações internacionais, que pode ser aplicada ao jornalismo, igualmente afetado por outras forças, tão ou mais profundas:

Para compreender a ação diplomática é preciso procurar penetrar as influências que lhe orientam o curso. As condições geográficas, os movimentos demográficos, os interesses econômicos e financeiros, os traços da mentalidade coletiva, as grandes correntes sentimentais, essas as **forças profundas** (grifo nosso) que formaram o quadro das relações entre os grupos humanos e, em grande parte, lhe determinaram o caráter”(RENOUVIN & DUROSELLE, 1967, p. 5-6).

Na mesma linha, Maria Helena Capelato sugere que a pesquisa promova um “diálogo” entre diferentes personagens de uma mesma época:

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata *imprensa* se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. A análise desse documento exige que o historiador estabeleça um constante diálogo com as múltiplas personagens que atuam na imprensa de uma época. Desse diálogo resulta uma história mais viva, mais humana e mais rica, bem diferente da história preconizada pela corrente tradicional de cunho positivista. [...] Um documento – o jornal, no caso – não pode ser estudado isoladamente, mas em relação com outras fontes que ampliem sua compreensão. Além disso é preciso considerar suas significações explícitas e implícitas (não manifestas). Cabe, pois, trabalhar dentro e fora dele. A imprensa, ao invés de espelho da ealidade, passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas”(CAPELATO, 1988, p. 21-25).

Outro aspecto relevante na reaproximação com o passado é a sua articulação com o tempo presente. Nesse sentido, o rumo teórico-metodológico não poderia ser outro que aquele trilhado por autores como o já citado François Dossê, oferecendo sentido ao estudo da história do jornalismo:

# É preciso rejeitar essa falsa alternativa entre o relato factual insignificante e a negação do acontecimento. Trata-se de fazer renascer o acontecimento significativo, ligado às estruturas que o tornaram possível, fonte de inovação. [...] Reabilitar o acontecimento é, portanto, indispensável para a construção de uma Nova História. O trabalho histórico passa também pela superação do recorte presente-passado, pela relação orgânica entre os dois a fim de que o conhecimento do passado sirva à melhor inteligibilidade de nossa sociedade”(1992, p. 258-259).

Outro autor, Ronaldo Vainfas (apud ROMANCINI, 2007b, p. 29) considera que o “o ideal seja mesmo tentar buscar no recorte micro os sinais e relações de totalidade social, rastreando-se, por outro lado, numa pesquisa de viés sintético os indícios das particularidades”. É uma posição que também legitima a presente proposta, sobretudo porque está expressa numa das publicações recentes que procuram oferecer respostas aos desafios da metodologia de pesquisa em jornalismo, organizada por Cláudia Lago e Marcia Benetti. O cruzamento de fontes díspares se apresenta, portanto, como passo essencial para cumprir o objetivo de aferir, de forma crítica, as informações oriundas da historiografia produzida sobre o jornalismo dos países do Cone Sul e obter novas facetas da sua trajetória histórica na região.

 Mas também devem ser considerados os caminhos metodológicos apontados por Fausto e Devoto (2004, p.25) para a construção de uma história comparada. Eles partem da perspectiva teórica de Marc Bloch, que sustenta a necessidade de estudos de sociedades próximas no espaço e no tempo, buscando-se, também, semelhanças e diferenças. Da mesma forma, se reveste de extrema importância a reflexão proposta por Del Palacio Montiel (2000, p. 443), estabelecendo como fio condutor da pesquisa a relação entre fatos ligados a processos em diferentes lugares da mesma área geográfica, de diversas regiões e, inclusive, do mundo inteiro. Essa autora mexicana vem insistindo há mais de uma década que a maior limitação para os trabalhos de História do Jornalismo Ibero-americano tem sido a negação do outro. O desafio, portanto, continua de pé.

CRONOGRAMA DA TERCEIRA ETAPA DO PROJETO DE PESQUISA *A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS PROCESSOS E PRODUTOS JORNALÍSTICOS NOS PAÍSES DO CONE SUL: AFINIDADES E DIFERENÇAS*

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
|  | Outubro2015 | Novembro | Dezembro | Janeiro | Fevereiro | Março | Abril | Maio | Junho | Julho | Agosto | Setembro 2016  |
| Nova revisão bibliográfica e publicação de artigo científico referente à segunda etapa do projeto | x | x | x |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Readequação da pesquisa pelos resultados obtidos na 2ª etapa |  |  | x | x | x |  |  |  |  |  |  |  |
| Aprofundamento dos estudos sobre os primórdios do jornalismo noCone Sul, com ênfase no processo emancipacionista da Argentina |  |  |  | x | x | x | x | x | x | x | x | x |

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
|  | Outubro2016 | Novembro | Dezembro | Janeiro | Fevereiro | Março | Abril | Maio | Junho | Julho | Agosto  | Setembro 2017 |
| Aprofundamento dos estudos sobre os primórdios do jornalismo noCone Sul, com ênfase no processo emancipacionista da Argentina | x | x | x | x | x |  |  |  |  |  |  |  |
| Pesquisa na Argentina |  |  |  | x | x |  |  |  |  |  |  |  |

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
|  | Outubro 2017 | Novembro | Dezembro | Janeiro | Fevereiro | Março | Abril | Maio | Junho | Julho | Agosto | Setembro 2018 |
| Sistematização dos resultados da pesquisa na Argentina | x | x | x |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Produção de artigo científico |  |  |  | x | x | x |  |  |  |  |  |  |
| Aprofundamento dos estudos sobre os primórdios do jornalismo no Cone Sul, com ênfase no Paraguai e no Uruguai |  |  |  |  |  |  | x | x | x |  |  |  |
| Produção de novos artigos científicos a partir dosresultados obtidos na Terceira Etapa do projeto |  |  |  |  |  |  |  |  |  | x | x | x |

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, P., TERROU, F. *História da Imprensa.* São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ALVAREZ FERRETJANS, Daniel. *Crónica del periodismo en el Uruguay*. Montevideo: Fundación Hanns-Seidel, 1986.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil* – a fotografia do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

AZEVEDO, Silvia Maria. *Brasil em imagens*: um estudo da revista *Ilustração Brasileira* (1876-1878). São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica.* São Paulo: Ática, 1990. 2v.

BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis*: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

BARATTA, María Victoria. El litoral y la batalla de pluma: la identidad nacional argentina en los periódicos de Entre Ríos y Corrientes durante la Guerra del Paraguay, 1864-1870.  Revista Folia Histórica del Nordeste. Instituto de Investigaciones Geohistóricas,  Universidad Nacional del Nordeste, UNNE, Resistencia, Chaco, Argentina, n. 21, 2013, p. 75-96.

Disponível em: <https://www.academia.edu/7169813/EL_LITORAL_Y_LA_BATALLA_DE_PLUMA_LA_IDENTIDAD_NACIONAL_ARGENTINA_EN_LOS_PERI%C3%93DICOS_DE_ENTRE_R%C3%8DOS_Y_CORRIENTES_DURANTE_LA_GUERRA_DEL_PARAGUAY_1864-1870_> Acesso em 11 de outubro de 2015.

BARATTA, María Victoria. ¿Aliados o enemigos? Las representaciones de Brasil en el debate público argentino durante la Guerra del Paraguay, 1864-1870. *Revista de História.* Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, n.172, jan./jul. 2015, p. 1-34.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/89558/pdf_25> Acesso em 11 de outubro de 2015.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*: Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARRERA, Carlos (Coord.). *Historia del periodismo universal*. Barcelona: Ariel, 2008.

BASTOS, Lúcia, MOREL, Marco e BESSONE, Tânia (Orgs). *História e imprensa*: representações culturais e práticas de poder. São Paulo: DP&A/Fapesp, 2006.

BENÍTEZ, José Antonio. *Los Orígenes del periodismo en nuestra América*. Buenos Aires/México: Lumen, 2000.

BOURDÉ, Guy, MARTIN, Hervé. *As escolas históricas.* Lisboa: Europa- América, 1983.

BURKE, Peter. *A escola dos annales.* São Paulo: Unesp, 1991.

CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil.* São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CIMORRA, Clemente. *Historia del Periodismo.* Buenos Aires: Atlantida, 1946.

CUARTEROLO, Miguel Angel. *Los años del daguerrotipo*: Primeiras fotografias argentinas – 1843-1870. Buenos Aires: Fundacíon Antorchas, 1995.

CUARTEROLO, Miguel Angel. *Soldados de la memoria –* imágenes y hombres de la Guerra del Paraguay. Buenos Aires: Planeta, 2000.

DE LUCA, Tania Regina. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil* (1916-1944). São Paulo: Editora UNESP, 2011.

DE MARCO, Miguel Ángel. *Historia del periodismo argentino*: desde los orígenes hasta el centenário de Mayo. Buenos Aires: EDUCA, 2006.

DEL PALACIO MONTIEL, Celia (Comp.).  *Historia de la prensa en Iberoamérica*. México: Altexto, 2000.

DOSSÊ, François. *A história em migalhas* – dos annales à nova história. São Paulo: Ensaio, 1992.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. Brasil *e Argentina: um ensaio de história comparada, 1850-2002*. São Paulo: Editora 34, 2004.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória* – a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

GUTIÉRREZ, Juan María. *Bibliografía de la primera imprenta de Buenos Aires desde su fundación hasta el año de 1810 inclusive*. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1866.

JACKS, Nilda, MACHADO, Márcia, MÜLLER, Karla. *Hermanos, pero no mucho* -  El periodismo narra la parodja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil e Argentina. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos* – a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LUSTOSA, Isabel . *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LUSTOSA, Isabel. Imprensa, censura e propaganda no contexto da independência do Brasil. *Estudios* – Revista de Investigaciones Literarias y Culturales, Departamento de Lengua y Literatura y de la Coordinación del Postgrado en Literatura de la Universidad Simón Bolívar, Caracas, v. 18, n. 36, p. 67-92, jul./dic. 2010.

MAESTRI, Mário. A vingança da história: retorno ao positivismo. *Utopia,* Porto Alegre, nº 11, p.22, jul./ago. 1994.

MARTÍNEZ GRAMUGLIA, Pablo. A la búsqueda de lectores: el Telégrafo Mercantil. *Questión – Revista Especializada en Periodismo y Comunicación*, Instituto de Investigaciones en Comunicación, Facultad de Periodismo y Comunicación Social, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, n. 27, v.1, jul./sept. 2010.

Disponível em:

http://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/1000/913

Acesso em 11 de outubro de 2015.

MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tania Regina de (Orgs). *História da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2008.

MEDINA, José Toribio. *Historia y bibliografía de la imprenta en el antiguo virreinato del Río de la Plata*. La Plata: Museo de la Plata, 1892.

MEDINA, José Toribio. *El Tribunal del Santo Oficio de la Inquisición en las Provincias del Plata.* Santiago de Chile: Imprenta Elzeviriana, 1900.

MEDINA, José Toribio. *La primera muestra tipográfica salida de las prensas de la América del Sur.* Santiago de Chile: Imprenta Elzeviriana, 1916.

MELO, José Marques de. *História social da imprensa.* Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

MELO, José Marques de (Org.). *Imprensa brasileira*: personagens que fizeram história. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

MELO, José Marques de. *História do Jornalismo*: itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e constitucionais* - a cultura política da Independência (1820-1822).Rio de Janeiro: Revan, FAPERJ, 2003.

NEVEU, Érik. *Sociologia do Jornalismo*. São Paulo: Loyola, 2004.

ORUÉ POZZO, Aníbal. *Periodismo en Paraguay* – Estudios e interpretaciones. Asunción: Arandurã, 2007.

PEREIRA, Cárlida Emerim Jacinto, PIPPI, Joseline (Orgs). *Memórias sobre a imprensa em São Borja*. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2007.

PILLADO, José Antonio. *Buenos Aires colonial: estudios históricos.* Buenos Aires: Editorial Bonaerense, 1943.

PIZARROSO QUINTERO, Alejandro (Coord.). *Historia de la prensa*. Madrid: Centro de Estudios Ramón Areces, 1994.

PRADERIO, Antonio. *Índice cronológico de la prensa periódica en Uruguay (1807-1852)*. Montevideo: [s. n.], 1962.

|  |  |
| --- | --- |
|

|  |
| --- |
| RAMOS, Jorge Abelardo. *História da nação latino-americana*. Florianópolis: Insular, 2012. |

 |
| http://aspro02.npd.ufsc.br/pergamum/img/transp.gif |

RENOUVIN, Pierre, DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Introdução à história das relações internacionais.* São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

RENOUVIN, Pierre. *Historia de las relaciones internacionales* – siglos XIX e XX. Madri: Akal, 1982.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart, HERSCHMANN, Micael (Orgs.). *Comunicação e História*: Interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e Espaço Público*: A Institucionalização do Jornalismo no Brasil (1808-1960). Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

RIZZINI, Carlos. *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

ROMANCINI, Richard, LAGO, Cláudia. *História do Jornalismo no Brasil.* Florianópolis: Insular, 2007a.

ROMANCINI, Richard. História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: LAGO, Claudia, BENETTI, Márcia(Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b.

SÉGUIN, André de. *Brésil, presse et histoire.* Paris: L’Harmattan, 1985.

SILVEIRA, Mauro César. *Adesão Fatal:* a participação portuguesa na Guerra do Paraguai. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

SILVEIRA, Mauro César. As marcas do preconceito no jornalismo brasileiro e a história do Paraguay Illustrado. *INTERCOM* – *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 30, p. 41-66, 2007.

SILVEIRA, Mauro César. *A Batalha de papel* - a charge como arma na guerra contra o Paraguai. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

SILVEIRA, Mauro César. *Um pecado original – os primórdios do jornalismo na Bacia do Rio da Prata.* Florianópolis: Insular, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

STEPHENS, Mitchell. *História das Comunicações.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

TERROU, Fernand. *A informação.* São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história* – lugar da história. Lisboa: Ed.70, 1987.

1. O primeiro diário francês, *Le Journal de Paris*, que começou a circular em 1777, é um exemplo clássico da imprensa periódica no século XVIII: jornalismo oficioso ou mesmo oficial, controlado por uma rígida censura do Estado. As publicações que são fruto dos movimentos a favor da liberdade de expressão, antes que esse conceito adquirisse força a partir de 1776, nos Estados Unidos, e de 1789, na França, entre outros países, ainda não tem periodicidade definida. Veiculam opiniões vigorosas, com maior ou menor intensidade, mas são, em sua ampla maioria, folhetos opinativos ou panfletos políticos. [↑](#footnote-ref-1)
2. No século anterior, em 1739, o telégrafo ótico de Chappe ficou restrito aos comunicados oficiais e somente indiretamente a imprensa se beneficiou dele. A difusão rápida de notícias iniciou com o telégrafo elétrico, criado por Morse, nos Estados Unidos, em 1837, por Gauss, na Alemanha, em 1838, Weatstone, na Inglaterra, em 1839, e Foy e Breguet, na França, em 1845. Fernand Terrou (1964, p. 30-31) cita Stefan Zweig para enfatizar a importância do invento: “Este ano de 1837 em que, pela primeira vez, o telégrafo transmite simultaneamente através do mundo a notícia dos menores acontecimentos, raramente é mencionada nos manuais de história. No entanto, do ponto de vista dos efeitos psicológicos provocados pela subversão da noção do tempo, nenhuma data da história contemporânea lhe pode ser comparada”. [↑](#footnote-ref-2)
3. O aparecimento das grandes agências, no século XIX, antecipava um dos maiores problemas do jornalismo contemporâneo: o direcionamento da cobertura mundial, a partir do modo centralizado de distribuição das notícias, e a dependência de quem precisa do serviço. Tudo começou com o telégrafo elétrico. Atônito com as informações desencontradas que recebia dos conflitos bélicos na Europa, o redator do jornal português *Boletim do Clero e do Professorado*, editado em Lisboa, desabafava em 7 de julho de 1866: “O telégrafo, com a sua extrema rapidez, confunde em vez de elucidar. Se de um lado nos diz venceram os austríacos, de outro mostra-nos que as armas dos prussianos não foram inferiores em tática e em valor. E não pode deixar de ser assim, o telégrafo serve a mais de um senhor, por isso contenta a cada um deles”. [↑](#footnote-ref-3)
4. Fernand Terrou (1964, p. 39-40) relembra que, na França, a luta foi árdua e longa, marcada por uma série extraordinária de revoluções e de mudanças constitucionais. Mas o controle da imprensa foi sendo gradualmente reduzido: “Durante o chamado período liberal do Império, o torniquete foi se afrouxando pouco a pouco até a supressão do sistema de advertências, pela lei de 11 de maio de 1868. A liberdade de imprensa provocou amplos debates no parlamento.” [↑](#footnote-ref-4)
5. O artigo 11 da Declaração de 1789 afirma o princípio da liberdade de expressão e de imprensa: “A liberdade de comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem; portanto, todo homem pode falar, escrever, imprimir livremente, devendo responder pelo abuso a essa liberdade nos casos determinados pela lei”. [↑](#footnote-ref-5)
6. Em 1829, na Inglaterra, todos os 17 diários juntos alcançavam uma tiragem de 44.000 exemplares, dos quais 10.000 eram do *Times.* Em 1856, o maior jornal inglês já imprimia 60.000 exemplares. A redução do preço para 1 *penny*, adotada pelo *Daily Telegraph*, em 1861, marca o início da imprensa popular no país. A tiragem desse jornal, que era de 30.000 em 1858, pula para 142.000 em 1861 e atinge 300.000 exemplares em 1880. Na França, a revolução de 1848, libertou temporariamente o jornalismo e ensejou a criação de numerosas publicações, a maior parte exibindo artigos políticos produzidos por grandes escritores da época. Já no Segundo Império, as agressões aos direitos individuais foram acompanhadas pelo desenvolvimento econômico. Isso permitiu a criação do *Le Figaro*, em 1854, direcionado à classe mais abastada e que fez sucesso graças à publicidade e a circulação intensa, inclusive à domicílio, e do *Le Petit Journal*, em 1863, visando um público mais amplo. Este jornal, lançado pelo preço de 1 *sou,* passou*,* em dois anos, de 83.000 para 260.000 exemplares. Nos Estados Unidos, o período compreendido entre 1840 e 1890 registra o surgimento da maioria dos grandes jornais. O *New York Times*, por exemplo, foi fundado em 1851. [↑](#footnote-ref-6)
7. Nos Estados Unidos, o avanço do telégrafo também deve-se à imprensa, que ajudou a financiar a primeira linha, em 1844, entre Washington e Baltimore, e pressionou o Congresso para que aprovasse verbas para a rápida extensão do sistema. Com a criação da *Associated Press*, em 1848, os jornais tornaram-se os principais usuários do serviço. Em consequência, o primeiro cabo submarino ligando a Europa aos Estados Unidos não demorou muito e data de 1866. [↑](#footnote-ref-7)
8. No Brasil, o telégrafo elétrico ainda era uma novidade. A primeira linha, inaugurada em 1862, ligava o palácio residencial do Imperador D. Pedro II ao quartel da polícia. Na América Latina, também. Somente em 29 de novembro de 1866, seria inaugurado o telégrafo subfluvial entre os portos de Buenos Aires e Montevidéu. O Brasil inaugurou seu primeiro cabo submarino transatlântico em 1874, ligando a América do Sul à Europa. Idealizado por Mauá, o cabo foi construído pela companhia inglesa British Eastern Telegraph Company e funcionou até 1973. [↑](#footnote-ref-8)
9. Evidentemente que na Europa, em maior ou menor grau, o poder político também se interessava – e muito – pelo jornalismo. Bismarck, por exemplo, inspirou a fundação, em 1847, do *Neue Preussische Zeitung* e era um de seus colaboradores. [↑](#footnote-ref-9)
10. Nessa época, a voz destoante é a de Hipólito da Costa, oposicionista e crítico, que publica o *Correio Braziliense*, em Londres. Por muito tempo, o Dia da Imprensa foi comemorado em 10 de setembro, quando foi lançada a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Em 1999, a data foi alterada para 1° de junho, o dia de 1808 em que começou a circular o *Correio Braziliense*, portanto mais de três meses antes da publicação oficial da Coroa portuguesa. Mas a mudança só foi efetivada depois de ampla mobilização dos jornalistas brasileiros, liderados pelo gaúcho Raul Quevedo, culminando com a aprovação de uma lei no Congresso Nacional. [↑](#footnote-ref-10)
11. *O Regulador* era impresso a expensas do erário e, durante seu lançamento, o então ministro José Bonifácio expediu cartas às províncias recomendando sua assinatura. “O *Regulador* foi, portanto, naquela fase, o grande porta-voz das ideias políticas de José Bonifácio, com quem compartilhava o entusiasmo pela Monarquia e em um de seus artigos dizia explicitamente que seu principal intento era defender o atual Ministério”. (LUSTOSA, 2010, p.383). [↑](#footnote-ref-11)
12. Tania Regina de Luca lançou em 2011, pela editora UNESP, outra obra relevante: *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil* (1916-1944), sobre essa publicação de importância crucial na história da imprensa paulistana e brasileira. [↑](#footnote-ref-12)
13. O *XVII* *Intercom Sudeste*, realizado entre os dias 28 e 30 de junho de 2012 na Universidade Federal de Ouro Preto,é um dos congressos regionais da *Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.* A nova obra de Marques de Melo apresenta três conjuntos narrativos que focalizam os processos jornalísticos, as conjunturas que os determinaram e os sujeitos que fizeram seu resgate. Seu objetivo é estimular a pesquisa histórica do jornalismo tanto nos cursos de graduação quanto nos programas de pós-graduação, contribuindo para as articulações entre a área e as demandas da sociedade. [↑](#footnote-ref-13)
14. Trabalho similar, embora mais abrangente, foi desenvolvido pelo brasileiro Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, em 2004, no ótimo livro *História da fotorreportagem no Brasil* – a fotografia do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. [↑](#footnote-ref-14)
15. Os dois trabalhos citados exigiram um esforço coletivo interinstitucional. O livro de Pizarroso Quintero reúne, além dele, mais de 10 pesquisadores, de diferentes instituições. A obra coordenada por Barrera foi produzida por 13 professores que trabalham em 11 distintas universidades. [↑](#footnote-ref-15)
16. A publicação francesa *Annales: économies, societés, civilisations* projetou-se na década de 30 através de artigos assinados por seus fundadores, Lucien Febvre e Marc Bloch. A chamada *École des Annales* afirmou-se como inovadora corrente teórica, desprezando o acontecimento, privilegiando a longa duração e derivando a atenção da vida política para a atividade econômica, a organização social e a psicologia coletiva, num esforço de aproximar a história das outras ciências humanas. [↑](#footnote-ref-16)